



Recebido em:
05/08/2017
Aprovado em:
06/08/2017
Editor Respo.: Veleida
Anahi
Bernard Charlort
Método de Avaliação:
Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi:

A ABORDAGEM (AUTOBIOGRÁFICA) COMO ATO METODOLÓGICO PARA AS AVENTURAS DE CONHECER PROFESSORES DE BIOLOGIA E SUAS HISTÓRIAS

TALAMIRA TAITA BRITO RODRIGUES
SOCORRO APARECIDA CABRAL PEREIRA

EIXO: 18. FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Resumo

Apresenta reflexão teórica implicada com realidade de pesquisa que envolve os estudos (auto) biográficos voltados para análise dos professores de biologia do ensino superior em seu ciclo de vida profissional. Defendemos a prerrogativa de que a eleição de uma metodologia de trabalho que trate da vida e formação de professores não é apenas uma escolha para responder a uma pergunta de pesquisa e atender aos objetivos. A eleição de um caminho está associado aos lugares que ocupamos no mundo, às formas como nos apropriamos da realidade, aos nossos preceitos e preconceitos diante de se construir saber científico. Tal abordagem é uma possibilidade concreta de aproximação entre os pares de uma pesquisa no sentido de (auto)formação em percursos diferenciados, mas, aproximados e consentidos. As narrativas são meios para nos apropriamos e sermos apresentados às singularidades dos "outros" "nós".

Palavras chave: Abordagem auto (biográfica); narrativas; professores de biologia.

Abstract

It presents theoretical reflection implied with research reality that involves (auto) biographical studies aimed at the analysis of the teachers of higher education biology in their professional life cycle. We defend the prerogative that the choice of a working methodology that deals with life and teacher training is not only a choice to answer a research question and to meet the objectives. The election of a path is associated with the places we occupy in the world, the ways we take reality, our precepts and prejudices in the face of scientific knowledge. Such an approach is a concrete possibility of approximation between the pairs of a research in the sense of (self) formation in differentiated but approximate and consented paths. Narratives are means for us to appropriate and be presented to the singularities of the "others" "us."

Key words: Auto (biographical) approach; Narratives; Biology teachers.

Das questões de implicação com abordagem auto (biográfica)

"A eleição de um método particular para estudar um objeto se faz muito em função de motivações profundas do que considerações racionais e, escolher utilizar a "aproximação biográfica" pode ser um assunto de temperamento (afinidade)." (Bertaux, 1980)

Apresentar uma face dos vários ambientes de fazer pesquisa, aqui identificada como abordagem (auto)biográfica, para colaborar para reflexão acerca do professor do ensino superior e seus percursos, nos parece oportuno pelo menos por duas razões: a primeira delas é por perceber que cada dia a discussão sobre

método, metodologia e análises de dados estão sendo “apagadas” dos currículos de graduação como coisa “desnecessária” ou “menos necessária” (Maia, 2008); a outra por entender que apresentar ou acrescentar nas discussões sobre a formação do professor de biologia questões que envolvem implicação metodológica entre sujeito e objeto do conhecimento ou colaboradores de pesquisa faz toda diferença nas compreensões acerca do que “se investiga” ou “se busca” em trabalhos de final de curso: graduação ou pós-graduação ou até mesmo para ampliação das formas de se fazer interpretação de realidade e apresentá-la de maneira menos contrastante possível e respeitando o máximo necessário das questões que envolvem o compromisso com a ética dos colaboradores do trabalho.

Há pelo menos 12 anos fomos introduzidas nas reflexões sobre a vida de professores do ensino superior, especificamente dos professores do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia. Na ocasião por conta das relações com as orientações e grupo de pesquisa do qual pertencia, depois por implicação com o grupo de trabalho e mundo do trabalho e as questões associadas ao universo formativo que levou-nos a amadurecer alguns estudos mais complexos sobre o Ciclo de Vida Profissional de Professores de Biologia, tomando como referência a vida formativa, de trabalho e as relações tecidas com fazer-se na vida. Essa implicação com a vida bem ocasionada pelos estudos de Ortega Y Gasset (1955), também nos implicou com os estudos auto(biográficos) ou ainda com os estudos sobre narrativas.

De lá para cá parte o nosso tempo tem sido dedicado à construção de estudos voltados para as narrativas de professores junto ao grupo de pesquisa em desenvolvimento profissional, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, que tem como objetivo fazer análises sobre vida e trabalho, narrativas e memórias formativas de professores de Ciências e Matemática. A partir das experiências nutridas nas orientações de mestrados e em disciplinas associadas sobre o tema na graduação, as questões que envolvem a metodologia de trabalho nas pesquisas têm exigido um olhar mais cuidadoso para aquilo que tanto nos coloca em desafio: fazer ciência, falar de ciência, olhar para a ciência de maneira delicada, séria, preenche de maneiras de cada vez mais qualificá-la no sentido de traduzi-la em teorias necessárias para melhorar a vida.

O objetivo deste texto então é apresentar algumas questões de escolhas teóricas vinculados aos estudos (auto) biográficos e suas contribuições para a nossa formação científica e constituição de uma área possível de investigação do cotidiano de professores de biologia em seus fazeres, dilemas políticos e mundo do trabalho, especificamente para o ensino superior.

Defendemos a prerrogativa de que a eleição de uma metodologia de trabalho que trate da vida e formação de professores não é apenas uma escolha para responder a uma pergunta de pesquisa e atender aos objetivos. Ao contrário, a eleição de um caminho e não de outro está associado aos lugares que ocupamos no mundo, às formas como nos apropriamos da realidade, aos nossos preceitos e preconceitos diante de se construir saber científico. A abordagem (auto)biográfica é uma possibilidade concreta de aproximação entre os pares de uma pesquisa no sentido de (auto)formação em percursos diferenciados, mas, aproximados e consentidos (pesquisador e pesquisado).

Afirmamos isso porque quando olhamos para o passado de nossa formação e percebemos as experiências que vivemos tomamos consciência do quanto somos reminiscência dos outros, do quanto somos experiência de nós mesmo e do quanto somos responsáveis por gestar novas práticas formativas e de pesquisa em torno de nossa história da educação e devolver para o “povo” a condição de contar sua própria história e religá-la com outras tantas trajetórias macro-microsociológicas. Nesse contexto afirmamos que para as questões da vida nas escolas, da história vivida por pares geracionais na produção de sentido sobre os fazeres escolares é de importância nutrir discussões em torno de nossas trajetórias pessoais/coletivas na produção e construção de caminhos para forjar novas gerações de pesquisadores/professores, escolas, relações políticas locais (global + local) no sentido de empoderamento dos sujeitos que fazem história e constroem, nesse jogo, as histórias de instituições, de grupos e promovem mudanças.

Enfrentar o desafio de uma pesquisa de doutoramento que teve como premissa fazer um estudo sobre o Ciclo de Vida Profissional dos professores do Instituto de Biologia da Universidade Federal de Uberlândia entre os anos de 2007 a 2011, foi um desafio que nos obrigou a agregar uma experiência de sair do “óbvio”, que seria fazer uma entrevista, comparar com as escalas de estudos sobre ciclo de vida humano e profissional existentes na literatura e assim apresentar como essa caminhada acontece para aquele grupo de profissionais, para seguir/construir outra relação com a trajetória/vida dos sujeitos/professores. Era desejo nosso trazer à tona outra forma de observar e entender cada pessoa, cada professor em sua relação com sua vida, com seu trabalho e com essa trama

vida/trabalho.

Os estudos auto-biográficos se tornava então inevitável. Uma situação/propriedade se tornara muito clara: seguir e fazer estudo/pesquisa sobre narrativas e memórias formativas de professores/alunos/grupos não é apenas fazer uma “opção” metodológica. Ao contrário – é um investimento em você mesmo, é uma provocação “à moral e aos bons costumes” das nossas experiências com as pesquisas Quali/Quantitativas das quais somos herdeiros e herdeiras. Portanto é um reinventar-reinventar-se dentro de um contexto que nos movimentamos à luz de práticas clássicas de fazer pesquisa, analisar realidades e apresentá-las no rol de várias pesquisas nas ciências do e para o humano. É neste movimento de reviravoltas que descobrimos também que como afirma Bertaux (1980) “fazer pesquisa no movimento das narrativas/autobiográficas é uma questão de TEMPERAMENTO.

Naquele momento uma fenda se abriu em nosso universo formativo porque o “temperamento” do qual o autor afirmava ser necessário ia muito mais além do que a questão do humor, das opções por técnicas, das perguntas ou objetivos de pesquisa. O que pautava a palavra citada era algo muito maior que um simples enquadramento de uma pesquisa a uma metodologia. Trabalhar/investir em estudos sobre as histórias de vida/formação, narrativas/memórias de pessoas estava associado à sua eleição por um caminhar, que por sua vez está associado à forma como se encara o mundo/as pessoas, como você se sente parte e se situa no mundo, como você é tocado e se permite ser tocado pelo mundo, pelo outro, pelo mundo dos outros... isto sim é uma questão de temperamento!

Assim o texto segue tentando situar dois movimentos: A) das implicações e itinerâncias com as narrativas e memórias formativas; B) Algumas situações desafiadoras nos processos formativos e práticas de pesquisa com narrativas e memórias, tomando como segundo plano a pesquisa sobre o estudo do Ciclo de Vida de Professores de Biologia.

Das implicações e itinerâncias com as narrativas e memórias formativas dos Professores de Biologia

Nesse contexto de adesões por ambientes de metodologias de trabalhos, Souza (2006, p. 139-140) nos aponta que Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas da expressão polissêmica História Oral.

Quanto a memória, concordando com Bosi (2004), que segue sua linha de raciocínio na perspectiva de Halbwachs (2006), a memória é um movimento de recomposição do vivido, de reestruturação de ações presentes, refeitura de passagens pela história de acordo com suas experiências do presente. Depreende-se dessas duas afirmações que os estudos que envolvem, o trabalho com as narrativas está associado a tudo aquilo que uma vez dito/escrito relaciona-se com um processo de recomposição, formação, reorganização de fatos, pessoas e ordens de uma história. A implicação com estudos das narrativas pode ser entendido, a partir de nossa defesa, como algo costurado em nosso projeto de vida na/com/por/para/entre a pesquisa e a formação. Ter acesso às histórias de vida contada por professores sobre seu trabalho, suas opções, suas condições de permanências em seus fazeres, para o estudo sobre o Ciclo de Vida Profissional foi a possibilidade de transgredir a ideia de que a vida pode ser generalizada no processo de fazer carreira na universidade a partir da história da política pública da carreira docente. Dos oito professores que participaram, cada um teve seu disparo no optar ingressar na universidade como docente, por exemplo. Isso nos obrigava a fazer um paralelo entre as grandes história da vida pública com as histórias daqueles que fazem a permanência dessas políticas, dessa vida pública.

É certo que vida/história/formação são aspectos do nosso movimento de ser/estar no mundo. Assim na itinerância de nossa formação as tendências da pesquisa de base moderna “clássica” fizeram/ fazem parte e ainda nos constituem como aquilo que também somos: formada a partir de uma base moderna de olhar para a realidade, na condição de “aprisioná-la” de alguma forma numa triangulação até a verdade plena/pura aparecer. Ferraroti (2014) em seu trabalho “histórias e histórias de vida – o método biográfico nas ciências sociais” já apontava que um dos maiores desafios deste tipo de pesquisa é deixar de ser algo que serve apenas para confirmar modelos – interpretar o que está posto; ou ainda validar exemplos de comportamentos sociais (de grupos e ou indivíduos) para seguir em uma perspectiva de apresentar o posto, o exposto, forjar-se a partir das histórias dos ditos “senso comum” (termo clássico para designar as pessoas das histórias diárias – geralmente nossos objetos de pesquisa).

Aqui mora, talvez, a grande pérola/pedra do jogo que se situa no desejo do encontro de todos nós com a pesquisa-formação (auto)biográfica: sair dos mecanismos de nossas análises sociológicas já conhecidas e executadas por décadas e utilizadas para descrever/ apresentar/ mapear/ apontar/ analisar/ elencar os

comportamentos objetivados de pessoas/grupos, para caminhar no sentido de apresentar/ cruzar/ dispor/ reconhecer/ formar (se)/ apoderar (se)/ empoderar (se)/ das histórias dos grupos e das pessoas que fazem ou fizeram o movimento das coisas em seu dia a dia histórico – de viver suas histórias.

No caminhando com a pesquisa de tese, por exemplo, de entender os movimentos dos professores daquele Instituto e como seu ciclo de vida profissional se constituem a partir de suas tessituras foi necessário investir em algo maior do que o previsto: o não enquadramento daqueles professores nas etapas e ou teorias já descritas como sendo possíveis de localizá-los/ analisá-los em suas histórias e assim construir uma relação do “estar contido” ou “não estar contido” em um modelo padrão. O ganho de aventurar-se em pesquisas de cunho (auto) biográficos está justamente em proporcionar possibilidades outras de apresentar as pessoas.

Lembramos então das dificuldades que tivemos de “enquadrar” as pessoas num tempo, num formato, num intervalo entre fases de um ciclo porque também havia uma negativa por parte dos pesquisadores de serem enquadrados numa teoria como plena e acabada.

Fomos obrigadas a realizar algumas escolhas que acomodassem a nossa forma de ser-situar-se no mundo com aquilo que a academia exigia para a tese: objetivar coisas nem sempre objetiváveis.

Assim, iniciamos uma caminhada na direção das histórias contadas pelos professores sobre suas aventuras de se tornarem professores de uma universidade pública e federal, no interior do Estado de Minas Gerais e permanecerem na profissão - Professor Universitário. Mergulhando na história Oral através do trabalhos de Thompson (1992); Meihy (1996) e posteriormente nos trabalhos da História de Vida e Formação através das contribuições de Josso (2004; 2002). Abrão; Souza (2006), uma primeira evidência aparece: o caminho para conhecer o universo formativo do outro através de suas histórias, também é um caminho para si mesmo como pessoa/investigador. Ao caminhar nas histórias dos outros, ao se permitir transitar nessas histórias, cruzar-se com essas aventuras de fazer viver, também é uma questão de se permitir ser revisto como quem observa, quem escuta, quem transcreve, quem é autorizado pelo outro para expor esse outro, portanto também é um autorizo de se permitir impregnar-se do outro ao tempo que você se forma através do outro.

A questão do “temperamento” é justamente entender que o trabalho com histórias de vida e formação é também uma questão inter-subjetiva, é ato político, é mudança de condições de se perceber nessa realidade. Fazemos nossas escolhas não porque simplesmente marcamos um “X” na pergunta correta, no objetivo correto, na metodologia correta, mas, porque acreditamos nas escolhas e nos encaixamos nela.

Nessa afirmação mora o desafio dessa caminhada: a) fazer entender que os estudos (auto)biográficos em que as narrativas fazem parte não se trata de técnica de pesquisa para simples coleta, pelo contrário, é uma relação de mudança conceitual de entender fazer ciência. Por esta razão não pode ser reduzida a algo sem seu próprio fundamento; bem como, não pode ser entendida como algo mais fácil que as tendências outras de pesquisa em nossa área.

Algumas situações desafiadoras nos processos formativos e práticas de pesquisa com narrativas e memórias para a pesquisa em formação de professores

Qualificar pesquisas sobre formação de professores em seus diversos níveis que de fato tratam de estudos (auto)biográficos que acreditam na memória das pessoas como parte integrante de uma grande memória social é um desafio. A interpretação da narrativa do outro nos exige uma análise em profundidade, uma reflexão que nos remete a outro tempo. Temos nesse conjunto um rol de questões desafiadoras tanto para o campo da formação – porque há de se investir na graduação de maneira geral para qualificar futuras gerações quanto ao entendimento, exercício e respeito para com o campo. Quanto para a realização/ organização/ formato/fomento de grupos e redes de trabalho para assegurar que colheremos frutos ao longo das próximas décadas que reflitam todos os esforços feitos hoje no que diz respeito à construção e perpetuação desse espaço de pesquisa/formação.

Ter feito dos estudos (auto)biográficos o expediente de nossa pesquisa sobre o Ciclo de Vida Profissional dos Professores de Biologia foi uma experiência de construir a vida e carreira de cada professor respeitando suas chegadas e partidas entre idades diferentes, condições sociais diferentes, desejos/sonhos diferentes, apresentando uma relação com a vida, com as expectativas de cada um com seu trabalho.

O que construímos a partir de passos do passado no ato de fazermos profissão professor. Como os depoimentos podem nos ajudar a refazer percursos históricos sobre o passado e reelaborar ações para o futuro. São questões postas ainda para o universo da formação de professores, de caminhos de investigação que apontem na escuta das narrativas outras possibilidades de compreender os grupos e suas histórias de resistências, de vida política, pública e íntima.

Referências

BERTAUX, D. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. **Em Propositiones**. Vol. 29. Santiago de Chile: Ediciones SUR, 1981. Disponível em: . Acesso em: 20 jan. 2007.

BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994. 484p.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. (trad. Beatriz Sidou). São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

JOSSO, M. C. **Experiência de vida e formação**. Lisboa: Educa Formação, 2002.

MAIA, M. R. A importância da disciplina de metodologia científica no desenvolvimento de produções acadêmicas de qualidade no nível superior. Revista Urutagua - revista acadêmica multidisciplinar – <http://www.urutagua.uem.br/014/14maia.htm> Nº 14 – dez. 07/jan./fev./mar. 2008 – Quadrimestral – Maringá - Paraná - Brasil - ISSN 1519.6178 Departamento de Ciências Sociais - Universidade Estadual de Maringá (DCS/UEM). Acesso em 22 de janeiro de 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **(Re)introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: USP, 1995.

ORTEGA Y GASSET, J. Idea de la generación. In. _____. **Obras completas**. 3 ed. Madrid: Ediciones de la Revista Del Occidente, 1955. p.29-54.

SOUZA E. C. de; ABRAHÃO, M. H. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si; Marie-Christine Josso, Prefácio. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SOUZA, E.C.de (Org.). **Autobiografias, História de Vida e Formação: pesquisa e ensino**. Salvador/Bahia: EDUNEB - EDIPUCRS, 2006.

_____. **Nas áreas das ciências sociais as pesquisas com história de vida têm utilizado terminologias diferentes**. Tese (doutorado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. 2004. 344 p.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.